

Assigna-se no Escriptorio da TYPO-GRAPIA União, á Galeria, n.º 12, e no Escriptorio da Redacção, Campo de Sanct'Anna, n.º 31.

A ASSIGNATURA será paga sempre ADIANTADA. As correspondencias particulaes serão pagas a 30 réis por linha. Os annuncios a rasão de 25 réis por cada uma.

# O INDEPENDENTE

— Periodico Politico, Litterario, Religioso —

Publica-se todas as 2.ª e 3.ª feiras não sanctificadas.

Os snrs. assignantes que assignarem por um anno, receberão gratis uma novella escolhida.

E os snrs. assignantes que assignarem de 6 mezes para cima, gosarão em todos os annuncios do beneficio de 5 réis por linha.

Os manuscritos enviados á Redacção, sejam ou não publicados não serão restituídos.

SEM ESTAMPILHA.

PREÇO { Por anno . . . . . 2\$000  
Semestre . . . . . 1\$100  
Trimestre . . . . . 600

LOGO QUE HAJA NUMERO SUFFICIENTE DE ASSIGNATURAS, PUBLICAR-SE-HÁ 3 VEZES POR SEMMANA.

FOLHA AVÚLSA . . . . . 30 RÉIS.

COM ESTAMPILHA.

PREÇO { Por anno . . . . . 2\$500  
Semestre . . . . . 1\$360  
Trimestre . . . . . 730

As correspondencias de interesse particular deverão ser reconhecidas; e não se receberão senão francas de porte.

## BRAGA, 10 DE OUTUBRO.

Todos os homens querem ter pão, e muito pão. Dous alvitres lhes trago hoje para isso: um para terem pão, outro para terem muito. Vamos ao primeiro.

Mas que alvitre vos parece, que será este? Que meio vos parece, que se póde dar para um homem em toda sua vida ter um pão certo, sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? Trabalhar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Disvelar mais? Poupar mais? Mentir mais? A dular mais? — Alguns cuidam, que estes são os meios de ter pão; mas enganam-se. Sabeis qual é o meio seguro de ter pão, sem nunca haver de faltar? E' seguir a Christo. Assim lhe aconteceu a cinco mil homens; porque seguiam a Christo tiveram pão no deserto. Se cinco mil homens com mulheres e filhos entrassem de repente em uma grande cidade, não haveria promptamente que lhes dar a comer, quanto mais em um deserto. Em um deserto porém se achavam estes homens sem casa, sem venda, e sem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houvesse, e sobretudo com fome de tres dias; mas porque seguiam a Christo tiveram que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, que tam disvelados andaes todos, e tam esfaimados por ter de comer, e por deixar de comer a vossos filhos, segui e servi a Christo, e eu vos seguro da sua parte, que nem a vós nem a elles lhes faltará pão.

Temos dito o primeiro alvitre que promettemos, que é como havemos de alcançar o pão: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh! que poncto este para os avarentos! Se eu os consultasse a elles, do remedio para accrescentar pão, para multiplicar fazenda, uns haviam de dizer que negociar, e melhor que tudo, negociar para o Brazil, porque o que em Portugal val dois, alli se vende por vinte.

Outros dirão, que é bom meio servir a el-rei em algum posto grande, ou muito juncto a elle, ou muito affastado d'elle, que estes são os postos em que os homens se aproveitam. Dizem que o rei se ha-de tractar como o fogo, nem tam perto que queime, nem tam longe que não aquente. A's avessas ha-de ser. Do rei, ou muito perto ou muito longe. Se tendes posto muito perto do rei, tudo se vos sujeita, tudo vos vem

às mãos; e se tendes posto muito longe do rei, tudo vós sujeitae, e em tudo vós meteis a mão. Este modo de accrescentar fazenda não ha duvida, que é muito prompto e muito effectivo, e tambem me atrevêra eu a dizer que era bom, se neste mundo não houvera uma conta, e no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limoeiro, e na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, e na outra vida queimado, não é bom modo de ganhar.

Buscaes mil traças e invenções para ajuntar o alheio ao vosso, e essas são as que em logar de vol-o accrescentar, vol-o roem, e vol-o desbaratam. E' o alheio pontualmente, como o vomitorio. Receita-vos o medico um vomitorio: e que vos acontece depois que o tomaes. Lançai-lo a elle, e tudo o mais que tinheis dentro. Assim é o alheio, guardae-vos de o metter no estomago; porque primeiramente não vol-o ha de lograr, e havos de puxar e levar comsigo o mais que tiverdes nelle. E vêde quão pouco basta para fazer estes effectos. Achab era rei, tomou a Naboth uma vinha, e tanto que a vinha se ajuntou ao reino, perdeu o reino e mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho, vomitou-a Achab, e com ella tudo o mais. Lá disse S. Paulo, que um pequeno fermento corrompe toda a massa: taes são os effectos do alheio, ainda que a massa com que se ajunta ou mistura, seja uma monarchia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o reino de Achab? Mas era alheia, posto que tão pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe pozera o fogo, assim ardeu em um momento a casa de Achab, a corôa, o reino, a vida sua e de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão, e até os ossos de ambos.

Outros dirão, que para ter muito, o melhor remedio é tel-o, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, e matar á fome; porque dizem, que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meio eu confesso, que é muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, e não para si; porque o que eu poupo, e o que não gasto, não é meu; é daquelles a quem eu o hei de deixar, e depois o hão de gastar muito alegremente: e poupar e morrer de fome para que outros vivam e alardeem, é uma avareza mui louca:

Pois que remedio para accrescentar a fazenda util, discreta e muito seguramente? O remedio é muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deus. De maneira, que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deus. Quereis ter pão? Servi a Deus. Quereis ter muito? Dae por amor Deus. Pois o dar, o tirar de mim é caminho de accrescentar? Antes parece caminho de diminuir. Se fôra dar por amor dos homens, ou por outro respeito, sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deus, não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda. Vêde no nosso evangelho? Perguntou o Senhor, onde achariam pão, para que comessem todos. Respondeu Santo André, que todos os pães que havia, não passavam de cinco, e com estes, sendo só cinco, quiz Christo dar de comer a todos. Pois, Senhor, não vedes que tendes doze discipulos que sustentar, e que os pães não são mais que cinco? Se tiveseis muito pão, então estavam bem essas liberalidades; mas sendo tão pouco? Antes por isso mesmo: se os apostolos tiveram doze pães, então não era necessario mais, porém como não tinham mais que cinco, era força buscar algum modo de os accrescentar, e não podia haver meio mais breve, nem mais certo, que dal-os aos pobres. E assim foi que os apostolos, porque deram cinco pães, não só receberam doze pães, senão doze alcofas. Se os apostolos foram de animo avarento e acanhado, e quizeram comer os seus cinco pães, saíra menos de meio pão a cada um; mas porque cada um deu o seu pedaço de pão, ficou ainda com uma alcofa cheia.

Padre Antonio Vieira.

## O JAU.

Aquelle homem quem seria  
Que ás ondas d'anil dizia:  
«Que é feito do meu Camões?»

--- Gomes d'Amorim ---

(Continuação do n.º 45)

Luiz de Camões! sublime cantor dos feitos lusitanos! guerreiro denodado nas conquistas patrias da Asia; cantaste a gloria do pavilhão portuguez, e morreste miseravel, deitado sobre umas pobres palhas, que por compaixão te deram!

Pobre filho da desventura! pobre poeta mal fadado!

Viveste no mundo, para cantar as glo-



rias da terra: e subiste ao ceo das tuas crenças, para cantar mais altas glorias!

Povo portuguez, que ouvistes a trombeta da fama a retumbar por todos os angulos da terra: ouve agora os anathemas da maldicção, que te vota um pobre escravo!!!

Geme lamentosa Alcione, por esses vastos mares: geme com a negra desventura do malfadado cantor de Ignez, d'esse homem heroe, que eternizou a patria com seus cantos, e a patria o eternizou pela desgraça!

Portugal! patria que foste grande, que herdaste o que de grande havia nos povos da antiguidade.

Chora o teu mau fado! ouve as vozes gemedoras e sepulchraes dos Castros fortes, e dos Albuquerque valentes, que no escuro dos tumulos lamentam a miseria da patria!

Morreram-te, Portugal, os teus filhos denodados!

Chora; chora o teu mau fado: e pouza a fronte sobre um peito que pulsou tam forte!

Perdeste o teu cantor! roubaste-lhe a ventura! E o alcacer d'Africa roubou-te o teu sceptro, e manchou-te o estandarte das quinas portuguezas, que tantas vezes =

« Entre gente remota edificaram

« Novos reinos, que tanto sublimaram.

Dorme, nação abatida no leito de negras agônias, já que deixaste no abandono ao teu infeliz Petrarcha, ao grande Luiz de Camões, que doce cantára

*o peito illustre lusitano!*

Pobre guerreiro! pobre poeta, que engrandeceste em verso os dilatadores da patria, os que sulcaram as ondãs gloriosas

Por mares nunca d'antes navegados!

E a patria deu-te o esquecimento!

Tu cantas-te

« As armas que os varões assignalados »

E morres-te no infortunio abandonado!  
Oh! ingratição!

Oh! vergonha das quinas portuguezas! rangei os dentes, ó leões adormecidos no somno da morte! oh! dôr! Portugal não tem um pedaço de granito, para levantar um padrão ao vate sem segundo!

Pasmae, gerações futuras! pasmae, seculos vindouros! porque o meu Camões, o meu senhor! aquelle que com seus cantos dourou as historicas paginas portuguezas, foi esquecido pela sua idolatrada patria!

Pobre martyr soldado! pobre vate da amargura! pobre propheta da patria!

Os teus cantos, poeta, tornaram-se em rios de lagrymas, que humedeceram as rochas da gruta de Macau?

Plantaste o pavilhão lusitano entre nações barbaras, e não tiveste em paga uma lagryma sequer, chorada sobre a tua loisa!  
Verteste sangue em terra madrastra, deram-te o capitivo.

Foste alvo das malvadas calumnias de Barreto, e a patria não te vingou!

Morreste na amargura, e no desconforto, e a patria não te valeu, nem te chorou! — Morreste nos lençoes da charidade, e envolveste-te na mortalha do hospital: e a patria não se recordou de ti se não com singelas e tardias letras, que corresponderam á tua pobreza, e á tua amargura!

Camões! o meu Camões é morto já, e a patria morre com elle!

Oh! ingratição, oh! desdouro de Portugal!

.....  
« E na lympha fugitiva,  
« A luz da estrella tam viva,  
« O triste Jau se lançou!  
« Camões estava vingado;  
« Mas Portugal deshonorado  
« Nem um, nem outro chorou!

*Gemes d'Amorim.*

Braga, 27 de Septembro  
de 1858.

*M. Bernardino da C. e S.*

*Assignaturas bracarenses a favor das irmãs da charidade francezas, e dos padres lazarisas, seus directores.*

(Continuação do n.º 45)

José Francisco Guimarães Silva, negociante, Braga, S. João do Souto

Manoel Antonio da Silva, idem, idem, idem.

José Maria Pereira da Silva, Bacharel formado em canones, desembargador da relação metropolitana, conego capitular na Sé Primaz, examinador synodal do archiepispado, Braga.

Antonio Dias Gomes Briteiros, idem, S. João.

Bacharel José Joaquim Gomes d'Araujo Alvares, advogado, idem, Sé.

João Atanazio Rebello, idem, S. Lazaro.

Bacharel Guilherme Marcellino da Costa Ramos, advogado, idem, Sé.

D. Maria das Dores de Sousa Mello Pinto Couto, idem, S. João do Souto.

D. Maria Julia Pinto Couto, idem, idem.

Preshytero Francisco José Coelho Cardoso; idem, S. Lazaro.

José Joaquim d'Araujo Peixoto, idem, S. Victor.

D. Maria d'Assumpção Rebello de Sousa, idem, S. Lazaro.

D. Maria do Patrocinio de Sousa Rebello, idem, idem.

D. Maria do Loreto de Sousa Rebello, idem, idem.

Manoel Joaquim de Castro Loureiro, negociante, idem, Sé.

Pedre José Gomes, idem, idem, idem.

Bento José Gomes, proprietario, idem, idem.

D. Maria do Rozario Araujo, idem, idem, idem.

D. Maria da Torre Pereira, idem, idem.

D. Maria da Graça Pereira, idem, idem.

D. Maria das Dores Pereira, idem, idem.

D. Maria do Livramento Pereira, idem, idem.

D. Anna Amelia Amarante e Oliveira, Braga, S. João.

D. Bernarda Carolina Teixeira, idem, idem.

D. Adelaide Emilia Teixeira, idem, idem.

D. Anna Augusta d'Oliveira, idem, idem.

José Joaquim de Sousa, negociante, idem, idem.

João Baptista da Costa Villaça, proprietario, idem, Maximinos.

D. Francisca Margarida de Faria Villaça, idem, S. Lazaro.

Gaspar Augusto Pinto Leite, proprietario, idem, idem.

D. Francisca Maria de Faria, idem, idem.

D. Anna Maria da Conceição Rebello da Silva, idem, idem.

José Antonio Rebello da Silva, proprietario, idem, idem.

D. Flaviana Claudina da Silva Lima, idem, S. Thiago.

D. Maria Rita da Costa Rebello, idem, idem.

D. Josepha Marta do Carmo Vieira, idem, Sé.

D. Rita Delfina da Cunha Gomes d'Araujo, idem, idem.

D. Agueda Thereza de Jesus da Costa e Souza, idem, idem.

D. Maria Clara Dias da Costa, idem, idem.

D. Maria das Dores Rebello da Silva, idem, S. João.

D. Roza da Conceição Teixeira de Souza, idem, idem.

Manoel Teixeira de Souza Lage, negociante, idem, idem.

Daniel da Costa Soares, idem, idem, idem.

Francisco Antonio Vieira Vellozo, proprietario, idem, Sé.

Domingos Gonçalves Gouvea, typographo, idem, idem.

José Gonçalves Gouvea, idem, idem, S. Thiago.

José Vicente do Couto, idem, Sé.

José Joaquim de Sousa, idem, idem, idem.

Manoel José Antunes, impressor, idem, S. Victor.

Joaquim José da Silva Pipa, pharmaceutico, idem, S. João.

D. Luiza Carlota Ferreira de Mendonça Vieira, idem, Sé.

José Maria Dias da Costa, negociante, idem, Sé. (Continúa)

CARTA DO ALFACINHA AO SEU COMPADRE TRIPEIRO.

Lisboa 4 de Outubro.

*My dear.* — O ministerio está com os padres á cabeceira, só por milagre poderá escapar, apenas, por um ligeiro arquejar, se conhece que ainda existe.

Chamou o tabellião, que dizem fôra o João Felix, para lavrar o testamento, que asseguram ser curioso e é, pouco mais ou menos, como se segue, que o ouvimos relatar:

Deixamos por nosso primeiro testamento o conde de Lavradio — e segundo, o o snr. Sebastião José Ribeiro de Sá.

Deixamos á nação portugueza noventa e oito mil contos de réis em divida interna e externa.

Deixamos mais á mesma nação, quatro mil contos de divida fluctuante.

Deixamos ao paiz o caminho de ferro do norte, cuja receita não dá para a despeza — avaliado em cinco mil contos de réis.

Deixamos á nação, o contracto celebrado com Sir Morton Petto, com a obrigação de dar vinte e cinco mil libras ao conde de Lavradio — e mais tres quantias eguaes a tres nossos intimos amigos, que se apresentarão, logo que esteja ultimado o referido contracto.

Deixamos ao Banco de Portugal dois mil contos de réis, por varios supprimentos que nos fez em occasiões em que não tinhamos meios para occorrer ás despezas correntes.

Deixamos á camara municipal de Lisboa mil e duzentos contos de réis, de divida proveniente de receitas diversas que nós nunca lhe entregamos.

Deixamos ao cofre do Deposito Publico, duzentos, que por diferentes vezes lhe pedimos para acudir a despezas urgentes.

Deixamos ao thesouro cem contos de réis para os haver da pagadoria militar, por diversos emprestimos e adiantamentos que fez a alguns generaes.

Deixamos mais ao thesouro, quatro mil e quinhentos contos de réis de decimas e impostos em divida.

Deixamos mais ao thesouro, duzentos contos de réis em execuções que se mandaram suspender por serem feitas a amigos e pessoas de quem dependiamos.

Deixamos á nação dois chavecos que para nada prestam e que custaram seis centos contos de réis.

Deixamos á mesma nação, o conde de Penhafirma como unico official portuguez capaz de ser encarregado da compra, fabrico e arranjo de vasos de guerra, como ultimamente se tem demonstrado.

Deixamos á nação um arsenal sem madeiras e sem utensilios, e exausto de meios.

Deixamos ao paiz caminhos intransitaveis, em vez de estradas, por isso que o dinheiro que as camaras nos votaram para ellas, foi applicado para alguns dos nossos compadres.

Deixamos á nação cento e vinte e cinco mil libras para satisfazer ao *Shaw and Wang*, por saldo.

Deixamos á nação um grande estado maior sem exercito, porque as verbas votadas para pret dos dezoito mil homens que este deve ter, em tempo de paz, tem sido applicadas a outras despezas.

Deixamos á nação a grande immoralidade que toca todos os ramos da administração e que nós augmentamos por ignorancia e maldade.

Deixamos ao paiz a execução das leis para castigar o crime, o que nunca podémos fazer, porque então haviamos de começar por nós.

Deixamos á nação, um grande atraso na instrucção publica, de que nunca nos occupamos.



Deixamos á nação o systema completo de ganhar eleições, pelo meio da corrupção.

Deixamos á nação — as riquezas que vem da nossa Costa d'Africa (nos navios em lastro), especie de naus do quinto — proveniente das *sabias* leis que adoptamos para o Ultramar.

Deixamos mais á nação, os negros libertos e o negocio da praça de Loanda!

Deixamos mais ao paiz os missionarios que deviamos ter mandado para as nossas possessões.

Deixamos á nação um grande numero de mercês que por engano demos aos estrangeiros.

Deixamos á nação um cometa, que é signal de morte real ou de guerra.

Deixamos á nação um corpo d'armada real, que faz uma despeza enorme, e não tem gente.

Deixamos ao paiz, o contrabando que entra pelas duas alfandegas Grande de Lisboa e Porto.

Deixamos-lhes mais as irmãs de caridade francezas e os seus confesores lazaristas, para aperfeiçoarem as pessoas do tom no jesuitismo, e na immoralidade, o que nos servia para vivermos mais algum tempo.

Deixamos finalmente á nação a desorganisação da fazenda, da administração publica e economica, a desorganisação do exercito, a immoralidade e a corrupção, etc.

Ora um ministerio que lega á nação estes mananciaes de riqueza, deve ser elevado ao capitolio por entre as mais vivas acclamações do povo e o competente foguetorio!  
(Porto e Carta)

## CARTA AO PARLAMENTO E Á IMPRENSA.

(Continuação do n.º 45)

Por certo que rasão ha para profligar o assassinato, porque obriga o attentado a punir o attentado, porque reduz as victimas a executores, porque perpetua a era abominavel do exterminio, porque estabelece um fluxo e um refluxo de sangue, que causa horror. Mas aquelles mesmos que collocam tão baixo os principios, quando se tracta do sangue do povo, e que tanto os elevam, quando se tracta da pelle de um principe, aquelles que têm o coração de bronze ante o golpe de estado de Dezembro, e carne de rôla ante o de Janeiro, esses nervosos do momento, que hoje mais declamam contra o assassinato e contra o attentado, são os que melhor fazem o processo ao principe, que não sómente attentou uma vez contra os direitos e contra a vida do soberano, isto é, contra a vida do povo, mas que erige e mantem o attentado em systema, o assassinato em regimen, o golpe de estado em constituição, e que por sua propria confissão não pôde reinar senão pelo direito da força, pela graça da espada, pela rasão do silencio, pelas prisões, pelo exilio, galés e morte.

O seu poder é uma lucta, diz elle mesmo no seu discurso do throno uma lucta não, mas o attentado em armas contra o direito desarmado. O assassinato de ponto em branco contra o cidadão sem defenza, com soldados contra operarios, com couraças contra blusas; o assassinato o mais perfido, como o mais feroz e o mais atroz; o attentado de confiança, o do criado, o do caixeiro, o do subdito contra senhor com as forças de senhor, o do filho contra a mãe patria, um parricida emfim. Pôde pois causar surpresa que o direito se defenda como pôde, contra um rebelde que attaca como quer? Que desgraça que os seus cúmplices, pagos com decorações, ou com salarios, 5 ou 6 dos seus gendarmes e dos seus esbirros, caiam a seu lado e apanhem pensões?

Quem acreditará que os infames e os cobardes são aquelles que arriscão suas cabeças, que dedicação a sua vida ao serviço do direito, certos de morrerem em todo o caso no proprio logar do attentado, se são bem

succedidos, no cadafalso se sahem mal; e que os generosos, os valentes são aquelles que por amor de um throno impossivel, do throno e da caixa arremessão tropas sobre o povo, exercitos sobre as multidões que poem cidades e villas a fogo e sangue, que fazem fogo sem distincção de idade nem de sexo, sobre homens, mulheres, crianças e velhos, que matão e deportão aos milhares, e que ha seis mezes despejão Paris sobre Caiena?  
(Continúa)

## NOTICIARIO.

— *Cometa.* — Calcula-se a velocidade do que nos tem visitado ás noites, em 854 milhas por hora.

Nos 115 dias em que tem sido visto á vontade, andou a bagatella de 2:356:300 milhas.

— *Lugres.* — Esperam-se em breve, em Lisboa, 2 *lugres* que o nosso govêrno mandára construir a Nova-Iork, para o serviço dos transportes maritimos.

Bom será, que estas duas novas embarcações nos não obriguem a mudar em *o o u e o e* dos seus nomes.

— *Nozes.* — Na feira do S. Miguel, no Porto, regularam de 700 rs. a 800 rs. a rasa.

— *Leitura repentina.* — Corre que S. M., D. Pedro 5.º, vai estabelecer á sua custa uma eschola de leitura pelo methodo Castilho.

O monarcha mesmo vae estudar por si proprio este methodo de leitura, que, desde a 2.ª edição, se acha debaixo da sua protecção.

S. M. teve sobre isto uma larga conversa com o nobre duque de Saldanha, em Cintra, o qual abonára ao rei a superioridade do methodo, não só com documentos alheios, senão ainda com o testemunho proprio.

— *Irmãos da charidade.* — Parece que em breve vão professar n'este instituto de beneficencia 9 senhoras do paiz, 7 das quaes pertencem á alta aristocracia.

Bom será, que o instituto se desenvolva entre nós, completamente subordinado aos «ordinarios», sem a minima dependencia do «geral» de França, e restringido exclusivamente ás obras de charidade.

— *Telegrapho submarino.* — O rei da Suecia auctorizou Glas e Elliot, para podêrem estabelecer uma linha, desde as costas da Inglaterra ás da Noruega, com as necessarias estações na terra firme.

— *Projecto d'estrada.* — Augura-se muito favoravel o projecto grandioso d'uma estrada á beira-mar, desde S. Joao da Foz até Leça da Palmeira; assim como o projecto importante da continuacão da rua da Boa-vista, no Porto, até o castello do Queijo, atravessando no sitio da Fonte da Moura a estrada de Mathosinhos.

Oxalá que simillhantes projectos se possam realisar bem breve.

— *Associações brasileiras.* — Celebraram as suas sessões solemnes: — o Gremio Litterario a 8 e 15 d'Agosto: o Instituto Historico e Geographico a 13 e 27: o Instituto Pharmaceutico, a 14, 22, e 28: a Academia Philosophica a 14, 22, e 30: o Congresso Fluminense a 14 e 22: o Instituto Medico a 19 e 26: a União Commercial a 22: a Academia Imperial de Medicina a 23: o Instituto dos Advogados a 12: a Juventude Commercial a 22: a Philo-Enterpe a 14 e 22.

— *Bexigas.* — No Brasil flagellam grandemente Utingo no Rio Grande do Norte; Marangoape e a bahia da Traição em Parahiba; a ilha do Bom Jesus na Bahia; e ainda n'alguns outros sitios.

— *Elephantiasis.* — Na provincia do Amazonas, na America, continuam a conseguir-se algumas cruas d'esta molestia terrivel, com alguns «medicamentos simplicis» do paiz.

— *Folhas de morangueiro bravo.* — Segundo Klezinskei, de Vienna, as folhas de morangueiro bravo (*fragaria vesca*), colhidas immediatamente depois da maturação do fructo, dão uma bebida dietetica agradável.

Seccam-se ao sol, ou se torram ligeiramente sobre chapas quentes.

No primeiro caso obtem-se uma infusão esverdinhada; no segundo um pouco escura, com cheiro agradável, sabor adstringente, que faz lembrar o chá da China.

A ligeira torrefacção torna insolavel na agua a chlorophylla contida nas folhas, e dissipa o pequeno cheiro herbaceo inherente á maior parte das infusões de folhas verdes. Mas é preciso não o levar muito longe, porque se volaterisaria o aroma.

A infusão é mais agradável do que o cosimento mais concentrado, mistura-se com o leite a frio ou a quente sem o coagular, supporta bem a aguardente (1 hum) e possui a mesma acção diaphoretica e diuretica que o chá da India; sómente é menos excitante, ainda que se lhe não pôde negar um effeito ligeiro somnifico.

Distillando a infusão, obtem-se com a agua condensada um aroma muito agradável, que pertence sem duvida á classe da cumarina e dos seus oleos ethereos.

O residuo contém muito tannino, uma pequena porção de acido citrico, e uma quantidade consideravel de materia azotada e de cinzas. O azote não provém só das materias proteicas vegetaes.

— *Theatro de S. Carlos.* — Este teatro da capital custou á nação, desde 1856 a 1857, uns 40 contos de reis, e desde 1857 a 1858, mais de 50 contos de reis.

O paiz gasta bastante com o recreio de meia duzia de familias da capital. Não seria mau que houvesse grande fiscalisação n'este assumpto, e que o teatro de S. Carlos fosse antes entregue a uma administração particular.

— *Constructores navaes.* — O brigue Pedro Nunes, e as escunas Angra e Barão de Lazarim, «sendo esta de systema mixto», são um documento pleno de que temos entre nós bons engenheiros navaes, para fabrico excellente e economico.

O Bartholomeu Dias, a Sagres, e segundo se diz ainda a D. Estephania, construidos ultimamente na Inglaterra, ficam muito á quem na construcção.

— *Macrobio.* — Cosme Pereira, da freguezia dos Afogados, em Pernambuco, acaba de fallecer com 130 annos de idade.

Era casado em segundas nupeias: teve 100 filhos, sendo o ultimo uma filha de 15 annos ao presente.

Assim mesmo, Artaxerxes sempre teve mais filhos: teve 115.

Mas não foi só este pardo, o macrobio natural que falleceu ultimamente no Brasil.

Com 120 annos falleceu uma *parda* da freguezia de Ceballos, na provincia do Rio; com 115 uma preta do mesmo logar; com 103 Marcelina Thereza de Jesus, da corte, onde tambem fallecera o paulista José Antonio d'Oliveira com 100 annos.

— *Obito.* — Falleceu o parcho de Valpassos, o reverendo Francisco José Martins. E'mais uma igreja vaga.

— *Chegada.* — Aha-se em Lisboa M. Gousard, empresario de vias ferreas, com 2 engenheiros que trouxe consigo de França, um civil e outro de pontes e calçadas.

Vem como representante das casas muito respeitaveis de Caill, Parent, e Humbert, para apresentar ao nosso govêrno as suas propostas de concurso, para a construcção das linhas ferreas portuguezas e internacionaes.

Não ha de ser, de certo, muito do agrado do ex.º sr. Carlos Bento da Silva Petto.

— *Abertura.* — A da eschola medico-chirurgica do Porto teve logar no dia 5.

O corpo cathedratico, d'aquella acreditada eschola, estreou n'esse dia os seus novos uniformes academicos: — «toga de lan preta,



com mangas perdidas, e alamares em todo o peito; górrão preto de lan; gravata branca; cincto de setim preto, com borlas de seda da mesma côr; meia de seda preta; sapato; e fivella dourada.

A oração d'abertura foi recitada pelo sr. Dr. Macedo Pinto, que foi no fim cumprimentado e elogiado com enthusiasmo.

A abertura da Academia Polytechnica da mesma cidade teve logar no dia 4.

O director d'esta escola respeitavel, o ex.<sup>mo</sup> sr. João Baptista Ribeiro, recitou o discurso d'abertura, com a proficiencia e delicadeza que lhe são proverbias.

— *Vinhos.* — A novidade do Doiro anda este anno por 25:000 a 30:000 pipas. — Para exportação dará 8:000 a 10:000 pipas.

Na Beira é a novidade d'este anno superior ás dos annos antecedentes, tanto em quantidade como em qualidade.

O preço do almude regula por 500 rs.

— *Merinaques.* — O conselho municipal d'uma pequena cidade da Austria, considerando que as damas de merinaques obstruam com elles grande porção das ruas; e considerando que as vendedeiras de fructas e as adeleiras pagavam uma dada contribuição, pela porção de rua que obstruam; deliberou crear um novo imposto sobre os merinaques, na rasão do diametro que elles tiverem.

As damas de merinaques, que sabirem á rua com elles, deverão trazer pregados, nos mesmos merinaques, o bilhete do pagamento, do novo importe, para não serem prêzas e multadas como desacatadoras da lei.

— *Associação Industrial.* — A que existe creada em Villa-nova de Gaia, foram-lhe ultimamente approvados os estatutos pelo governo.

A associação industrial portuense, uma das associações mais benemeritas do paiz, tem prestado serviços muito valiosos á nação: — a nova associação industrial gaiense de certo não ha de querer ficar inferior á sua vizinha do Porto.

— *Fome.* — Vai lavrando bem assustadora nas ilhas do Pico e de S. Jorge.

— *Fallecimento.* — Falleceu hontem o sr. Philippe José de Carvalho, mestre da capella da Sé.

O snr. Philippe tinha já bastante idade.

— *Novêna.* — Começou a de St.<sup>a</sup> Theresza, no convento da sua invocação.

— *Não ha-de ser nada.* — Segundo alguns astrônomos russos, o comêta, que todos os dias nos apparece maior e mais brilhante, no dia 29 deste mez tem destinado dar cabo do mundo.

Se tal acontece, ficamos sem entregadores para o *Independente*: e ha-de ser o diabo com as queixas dos assignantes.

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ARCHIVO PICTORESCO. — Publicou-se o n.º 13 do 2.º volume deste muito curioso periodico de Lisboa.

INSTRUÇÃO PUBLICA. — Publicou-se o n.º 19 do 4.º anno deste muito conhecido periodico litterario.

REVISTA MILITAR. — Publicou-se o n.º 18 deste muito curioso periodico, com bons artigos selectos sobre a sua especialidade.

*Quarto almanak commercial, fabril, judicial, administrativo, ecclesiastico, e militar, do Porto e seu districto, publicado por José Lourenço de Sousa.*

Assigna-se desde já no escriptorio da imprensa do publicador, rua do Bomjardim n.º 7.

ARCHIVO RURAL. — Publicou-se o n.º 10 — Contem: — Pastos communs — Estudos administrativos com relação á agricultura — A agua pela arboricultura — Um milhão de

questões sobre a agricultura — O credito com applicação á agricultura — Instituições do credito agricola, ou pessoal movel — Correspondencia — Chronica agricola — Partes agricolas dos districtos — Variedades — Preços correntes dos productos agricolas — Praça de Lisboa — Preços dos seguintes generos.

O *Archivo Rural* sae duas vezes cada mez, contendo quatro folhas d'impressão com algumas gravuras.

## HOLCUS SACHARATUS

ou  
NOVA CANNA D'ASSUCAR.

OPUSCULO, necessariamente indispensavel, para a cultura do *Sorgho*, ou *nova canna d'assucar*, já publicado em diferentes periodicos, pelo typographo hispanhol, D. Philippe Oroza.

Vende-se em Braga na typographia União, e na loja de Germano Joaquim Barreto.

PREÇO.....120 réis.

## ROGAMOS

aos snrs. assignantes de fóra da cidade, que se acham em debito das suas assignaturas, a bondade de mandar satisfazer o seu importe.

## AGRADECIMENTOS.

124 D. Luiz d'Azevedo Sá Coutinho, extremamente grato ás pessaaas que lhe fizeram a honra, e distincção de assignar a representação que vai ser dirigida ao govêrno, pedindo a sua transferencia de director das obras publicas do districto de Bragança, para igual logar no de Braga; desejava ir agradecer-lhes pessoalmente este seu muito distincto obsequio.

Mas como isso lhe seja impossivel, por estar de partida para Tras-os-Montes; dirige por esta fórma a todas aquellas pessoas os seus muito cordeaes agradecimentos.

E aproveita ao mesmo tempo esta occasião, para lhes fazer as suas despedidas, e os protestos da sua gratidão e estima. (I)

116 D. ANNA Joaquina Martins da Silveira, va, viuva, seus filhos, seu sobrinho, e seu genro, sumamente penhorados pelos obsequios que receberam por occasião do fallecimento de sua presada filha, irman, prima, e mulher, agradecem por este meio a todos os illustrissimos snrs. que se dignaram acompanhar e assistir ao seu enterro, e protestam a todos a sua eterna gratidão. (III)

## ANNUNCIOS.

118 ESTEVÃO d'Araujo Vasconcellos e Alvim, penhorado pelos signaes

d'interesse por sua saude, que lhe deram as pessoas da sua amisade, durante a sua molestia agradece-lhes as suas attentões mui cordialmente por este modo, e o fará pessoalmente, logo que possa: não o fazendo já, por causa da sua prompta partida para a Póvoa. (II)

119 **A**CHANDO-SE installada nesta metropole a secção, que tem de julgar as causas na actual falta de Tribunal Apostolico da Legacia, segundo o convenio da Sancta Sé com o governo de S. Magestade, de 1848, pódem as partes interessadas requerer que subam á secção os feitos de recurso, a fim de seguirem os devidos termos pelo cartorio da camara ecclesiastica do arcebispado, desde o dia primeiro do proximo mez de Novembro em diante.

E os advogados para poderem representar as partes contendoras deverão estar munidos de auctorisação do representante pontificio.

O que para constar assim se publica. Braga 27 de Septembro de 1858.

Como Notario da Secção  
José Luciano Gomes da Costa. (II)

### ATTENÇÃO.

117 **T**VINDO ha pouco do Rio de Janeiro, e agora residente nesta cidade, annunciado que ninguem fizesse contracto com o annunciante Domingos José da Cunha, a titulo de cessionario de Miguel José da Cunha, o qual se diz credor do mesmo annunciante, por escriptura publica de 22 de Novembro de 1857; previne o publico, de que tal annuncio é doloso: porque não só aquelle Miguel da Cunha é devedor ao annunciante da quantia de 1:048\$705 réis por sentença de conciliação, e outros motivos, e com hypotheca, mas tambem, aquella outra escriptura tem hypotheca que firma a sua segurança, e a qual não se póde estender de modo que iniba o annunciante de fazer outros quaesquer contractos que lhe convierem. (II)

122 **O** MEDICO Jeronymo Antonio de Faria mudou a sua residencia, da rua do Alcaide para o Campo dos Remedios, n.º 3, juncto á porta do Hospital. (II)

## CARVÃO COKE

123 **P**ARA commodidade do publico, a companhia estabeleceu um deposito d'este combustivel no Armazem da Rua de Maximinos n.º 7 e 7 A., pelo preço de 170 réis cada arroba.

As pessoas que quizerem um carro deste coke, recebê-lo-hão em suas casas sem mais despeza. (I)

Responsavel o Bacharel Moreira de Sá.

— TYPOGRAPHIA UNIÃO —  
A' Galeria n.º 12.